

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
BACHARELADO EM TEOLOGIA

THIAGO ALVARINO DOS SANTOS

A DIREÇÃO ESPIRITUAL COMO CAMINHO DE PERFEIÇÃO
CRISTÃ EM DIÁLOGO COM A FILOSOFIA DE ZIGMUND BAUMAN

ANÁPOLIS – GO

2021

THIAGO ALVARINO DOS SANTOS

A DIREÇÃO ESPIRITUAL COMO CAMINHO DE PERFEIÇÃO
CRISTÃ EM DIÁLOGO COM A FILOSOFIA DE ZIGMUND BAUMAN

Trabalho de conclusão de Curso
apresentado à Faculdade Católica de
Anápolis, como requisito essencial para
obtenção do título de Bacharel em
Teologia, sob orientação do prof. Pe Fábio
Carlos Araújo

ANÁPOLIS – GO

2021

Dedico a todos os filhos de Deus que desejam o céu...

“Sede Santos, porque eu vosso Deus sou Santo” (Lv 19,2)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	05
2 A CULTURA LÍQUIDA PRESENTE EM NOSSOS TEMPOS	06
3 A CULTURA DA PERFEIÇÃO CRISTÃ COMO CONTRAPOSIÇÃO À CULTURA DO RELATIVO	12
4 A DIREÇÃO ESPIRITUAL COMO FERRAMENTA PARA CAMINHAR RUMO À PERFEIÇÃO CRISTÃ	16
5 CONCLUSÃO	21
REFERÊNCIAS	22

1 INTRODUÇÃO

Inquietado por algumas características tão peculiares em que estamos vivendo no alvorecer da modernidade, tais como, pressa, inconstância, perda do sentido de permanência, medo do duradouro, faz saltar a vista, e porque não dizer ao coração, acertada indigestão para com esse cenário. Seria o homem alguém tão imerso em todas essas realidades ao ponto de ser ele também um produto dessa transitoriedade, e conseqüentemente, um ser efêmero?

Diante dessa primeira inquietação, se apresenta outra, contraditória à primeira, com igual ou maior força, ou seja, parece que aquilo que somos, ou pelo menos a força de nossos sonhos e ideais, ou melhor, nós mesmos, nossos relacionamentos, nossa vida, está cercada de uma atmosfera que fala de permanência, fidelidade, constância, durabilidade. Somos temporais mas com desejo de eternidade.

Partindo desse quadro de inquietações, desenvolveremos um trabalho de pesquisa, leitura e constatações, que nos farão ver a realidade moderna intitulada de “cultura líquida”, com seus desdobramentos e fragmentações, contraposto pela realidade do permanente, sólido e firme, chamado de “santidade”, e na passagem de um para o outro, falaremos da Direção Espiritual, que servirá como pedagogo, na belíssima arte de passarmos do transitório e descartável em busca do permanente e duradouro. Da instabilidade das ondas da vida, para o seguro porto da santidade da vida, onde Deus se faz presente.

Seremos auxiliados pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman, com suas teorias modernas sobre a sociedade, bem como pela visão de teóricos cristão que apontam a Direção Espiritual como meio eficaz para propor a esse mesmo homem moderno, uma forma para abraçar a realização do ser, desfrutando assim da perfeição para a qual fomos “feitos por Deus e para Deus”¹.

¹ Cf. 2Cor 6,16

2 A CULTURA LÍQUIDA PRESENTE EM NOSSOS TEMPOS

Desejosos por alcançar a compreensão sobre a importância da Direção Espiritual como caminho para a santidade de vida em tempos modernos, o caminho a ser percorrido começa com uma constatação irrenunciável: estamos vivendo em tempos liquefeitos, para usar uma expressão do sociólogo Zygmunt Bauman². Tal liquefação presente na compreensão e vivência das ações humanas, traz consigo consequências eminentemente complexas para a humanidade, não excluindo gravíssimos e danosos problemas, que conduzem a pessoa humana à desolação, a um labirinto quase intransponível, crises mais variadas, inversão de valores, desvalorização da pessoa humana e perda do sentido de Deus, chegando inclusive ao seu abandono ou mesmo negação.

Para entendermos essa nomenclatura, aparentemente nova, que se aplica à sociedade, conceituando-a de líquida, é preciso entender algumas de suas qualidades, para podermos então ter a ciência do porquê dessa analogia, muito bem pensado e usado pelo referido Sociólogo, que irá nos acompanhar ao longo desse empreendimento acadêmico.

No dizer de Bauman,

os fluidos se movem facilmente. Eles fluem, escorrem, esvaem-se, respingam, transbordam, vazam, inundam, borrifam, pingam; são filtrados, destilados; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. (...) Essas são as razões para considerar ‘fluidez’ ou ‘liquidez’ como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, *nova* de muitas maneiras, da história da modernidade³.

Essa conceituação de sociedade líquida, em posição totalmente paradoxal com relação aos tempos idos, compreendidos no período histórico antes da idade

² Sociólogo polonês, iniciou sua carreira na Universidade de Varsóvia, onde ocupou a cátedra de sociologia geral. Teve artigos e livros censurados e em 1968 foi afastado da Universidade. Logo em seguida deixou a Polônia, reconstruindo sua vida no Canadá, Estados Unidos e Austrália, até se radicar na Grã-Bretanha, onde em 1971 se tornou professor titular de Sociologia da Universidade de Leeds, cargo que ocupou por vinte anos. Responsável por uma prodigiosa produção intelectual, recebeu os prêmios Amalfi (em 1989, pelo livro *Modernidade e Holocausto*) e Adorno (em 1998, pelo conjunto da obra). Faleceu no ano de 2017.

³ Zygmunt BAUMAN, *Modernidade Líquida*, 2001, p. 8.

contemporânea, se dá pelo fato de ações e buscas serem desprovidas de solidez, de realidades que falam de perenidade, de constância, de realidades que de fato trazem ‘peso’ para a vida humana. Houve uma sobreposição de pesado por leve, e quando se usa essa metáfora, fica claro essa mutação acontecida no interior do pensamento humano.

Unido ao fato dessa mudança conceitual metafórica de pesado para leve, mais a frente iremos entender onde isso vai desembocar, segundo a teoria de Bauman, essa mesma pessoa humana realiza uma inversão na vivência da temporalidade. Do mais pesado para o mais fluido, e conseqüentemente, do mais demorado para o mais rápido, a velocidade aqui também se torna parte da metáfora para entendermos essa sociedade marcada pela liquefação de suas ações.

Continua Bauman

o ‘longo prazo’, ainda que continue a ser mencionado, por hábito, é uma concha vazia sem significado; se o infinito, como o tempo, é instantâneo, para ser usado no ato e descartado imediatamente, então ‘mais tempo’ adiciona pouco ao que o momento já ofereceu. Não se ganha muito com considerações de ‘longo prazo’. Se a modernidade sólida punha a duração eterna como principal motivo e princípio da ação, a modernidade ‘fluida’ não tem função para a duração eterna. O ‘curto prazo’ substitui o ‘longo prazo’ e fez da instantaneidade seu ideal último⁴.

O que outrora era marcado pela permanência, pela durabilidade, começa a receber, devido à mudança tão drástica do pensamento moderno, estruturas de pensamento e de ação marcados pelo transitório, encharcado de instantaneidade, que aparentemente não traz consigo nenhum dano, até porque, em tempos de modernos progressos, sejam eles eletrônicos ou similares, quanto mais rápido melhor.

A questão que nos faz pensar é, a realidade do rápido, do feito instantaneamente, do produzido de forma veloz, esconde alguns problemas que começam a ser sentidos não só na praticidade do dia, que convenhamos, facilita em muito a vida do homem moderno, qual seja, comidas rápidas e pre-preparadas, comunicação digital, meios de locomoção, e etc. A aporia que se instaura é mais profunda do que a simples praticidade do dia a dia, é quando a hipervelocidade da vida moderna invade o interior humano, de tal forma que na vida das pessoas, portadoras de sonhos, de desejos, de afetos, de relacionamentos interpessoais, de realidades

⁴ Idem. p. 158.

sobrenaturais, aquilo que não pode ser encarado de forma instantânea, recebe tal efeito. Isso causa um desmerecimento cada vez mais progressivo de realidades internas, que antes se via como duradoura e perene, por aquilo que é fugaz e por isso mesmo transitório.

Para seguirmos coerentemente essa linha de pensamento vemos o desenrolar de mais uma consequência da instauração da cultura líquida. No dizer de Bauman:

sugiro, entretanto, que o advento da modernidade fluida subverteu radicalmente essa credibilidade. É a capacidade, como a de Bill Gates, de encurtar o espaço de tempo de durabilidade, de esquecer o ‘longo prazo’, de enfocar a manipulação da transitoriedade em vez da durabilidade, de dispor levemente das coisas para abrir espaço para outras igualmente transitórias e que deverão ser utilizadas instantaneamente, que é o privilégio dos de cima e que faz com que estejam por cima. Manter as coisas por longo tempo, além de seu prazo de ‘descarte’ e além do momento em que seus ‘substitutos novos e aperfeiçoados’ estiverem em oferta é, ao contrário, sintoma de privação. Uma vez que a infinidade de possibilidades esvaziou a infinitude do tempo de seu poder sedutor, a durabilidade perde sua atração e passa de um recurso a um risco⁵.

Pintando esse quadro geral da modernidade, vamos vendo ser acrescentadas novas cores, agora acrescentamos mais uma, a do descarte. Com certeza a realidade do descarte era presente em outros momentos históricos, em outras realidades culturais, até porque, as coisas materiais não gozam do princípio da incorruptibilidade. O que se torna assustador em tempos modernos é a vertiginosa ascensão do descarte como parte quase necessária da vida pessoal e social, chegando a ser condição para que as pessoas permaneçam ‘em cima’, gozando de um status que traz alegria e autor realização, pessoal e social. E isso passando de uma realidade individual para a coletividade, como bem nos demonstra Bauman, ao dizer que “a nova instantaneidade do tempo muda radicalmente a modalidade do convívio humano – e mais conspicuamente o modo como os humanos cuidam (ou não cuidam, se for o caso) de seus afazeres coletivos, ou antes o modo como transformam (ou não transformam, se for o caso) certas questões em questões coletivas”⁶.

Não paramos aí, não estancamos nesse estágio. Tal vertiginoso crescimento no descarte de bens passa a gerar o senso de irresponsabilidade, tornando os

⁵ Idem. p. 159.

⁶ Idem. p. 160.

comportamentos cada vez mais próximos da fluidez, imagem ilustrativa para designar impossibilidade de permanência.

A ‘escolha racional’ na era da instantaneidade significa buscar a gratificação evitando as consequências, e particularmente as responsabilidades que essas consequências podem implicar. Traços duráveis da gratificação de hoje hipotecam as chances das gratificações de amanhã. A duração deixa de ser um recurso para tornar-se um risco; o mesmo pode ser dito de tudo o que é volumoso, sólido e pesado – tudo o que impede ou restringe o movimento. Gigantescas plantas industriais e corpos volumosos tiveram seu dia: outrora testemunhavam o poder e a força de seu donos; hoje anunciam a derrota na próxima rodada de aceleração e assim sinalizam a impotência. Corpo esguio e adequação ao movimento, roupa leve e tênis, telefones celulares (inventados para o uso dos nômades que têm que estar ‘constantemente em contato’), pertences portáteis ou descartáveis – são os principais objetos culturais da era da instantaneidade. Peso e tamanho, e acima de tudo a gordura (literal ou metafórica) acusada da expansão de ambos, compartilham o destino da durabilidade. São os perigos que devemos temer e contra os quais devemos lutar; melhor ainda, manter distância.⁷

Como resposta pronta e rápida a essa busca pelo instantâneo, se apresenta a nós o consumismo, como parte qualificante e marcante do período moderno. Estando na corrida pelo que é oferecido na última hora, e esse último traz consigo perfeições que o de ontem não tinha, mesmo que seja apenas um detalhe de cor ou tamanho, que caracteriza essa total aversão pelo que era permanente e fixo, a indústria do mercado desponta isolada e vitoriosa, semelhante a uma senhora nobre e pomposa, que se assenta em seu majestoso trono, e de lá impera sobre os corações embebidos pelo novo, totalmente novo e sempre novo. As características que o mercado consumista apresenta, podemos vê-las de forma bem clara

o consumismo é uma economia do logro, do excesso e do lixo; logro, excesso e lixo não sinalizam o mau funcionamento da economia, mas constituem uma garantia de saúde e o único regime sob o qual uma sociedade de consumidores pode assegurar sua sobrevivência. A pilha de expectativas malogradas tem um paralelo na crescente montanha de ofertas descartadas das quais se esperava (pois prometiam) que satisfariam os desejos dos consumidores. A taxa de mortalidade das expectativas é elevada, e, numa sociedade de consumo funcionando adequadamente, espera-se que cresça continuamente. A expectativa de vida das esperanças é minúscula, e só uma taxa de fecundidade extraordinariamente elevada pode salvá-las da diluição e da extinção. Para que as expectativas se mantenham vivas e novas esperanças preencham o vazio deixado por aquelas já desacreditadas e descartadas, o caminho da loja à lata de lixo deve ser curto, e a passagem, rápida.⁸

⁷ Idem. p. 162.

⁸ Zygmunt BAUMAN, *Vida Líquida*, 2009, p. 107.

Vemos mais uma vez a presença forte do descarte, do tornar as coisas passíveis de substituição, muitas vezes numa velocidade grande. Essa teoria vai sendo não só alvo de estudos acadêmicos ou sistemáticos nas faculdades ou rodas de acadêmicos, mas se torna presente no inconsciente coletivo ao ponto de ser ensinado. A cultura líquida, a indústria de mercado, o consumismo “incansavelmente transmite aos lares a mensagem de que tudo é ou poderia ser uma mercadoria e como tal deve ser tratado. Isso implica que as coisas dever ser ‘como mercadorias’, devendo ser encaradas com suspeita ou, melhor ainda, rejeitadas e evitadas, caso se recusem a se enquadrar no padrão do objeto de consumo”⁹, e para que o consumismo seja mantido, “precisamos de coisas consumidas, destruídas, gastas, substituídas e descartadas em uma taxa sempre crescente”¹⁰.

Infelizmente não paramos ai, vai-se entranhando no pensamento e nas ações humanas essa realidade de substituição de coisas até chegarmos na substituição de pessoas, postos todos sob o mesmo patamar, do descartável, do substituível, tanto coisas como pessoas.

O território da construção e reconstrução da identidade não é a única conquista da síndrome do consumo, além do reino das ruas luxuosas e dos shopping centers. De forma gradual mas incansável, toma conta das relações e dos vínculos entre os seres humanos. Por que os relacionamentos seriam uma exceção ao restante das regras de vida? Para funcionar propriamente e fornecer a satisfação prometida e esperada, os relacionamentos precisam de atenção constante e manutenção dedicada. Quanto mais tempo duram, mais difícil torna-se manter a atenção e o serviço de manutenção necessário ao dia a dia. Consumidores acostumados a produtos de consumo que envelhecem com rapidez e são prontamente substituídos acharão incômodo, além de um desperdício de tempo, preocupar-se com uma coisa dessas; e se, apesar disso, resolverem prosseguir, carecerão dos hábitos e habilidades necessários. Os casamentos, escreve Phil Hogan, sempre tiveram seus maus bocados e seus momentos críticos, curtos ou longos – a diferença agora ‘é a rapidez com que se aborrecem. Lá se vão os tempos da crise dos sete anos. Segundo as últimas descobertas, entre oito meses e dois anos tornou-se o tempo ideal para desligar a tomada do matrimônio (...), seria difícil esperar que uma nação encorajada a adotar a infundável novidade do mercado de trabalho flexível passasse muito tempo ocupada com um relacionamento”¹¹

Das coisas consumidas desembocamos nos relacionamentos humanos, do consumo de mercadorias, e também seu descarte, para o consumo e também descarte de pessoas, passando de uma sociedade outrora sólida e firme para uma sociedade que movida pelo senso interminável do consumo de coisas, sempre descontente e

⁹ Idem. p. 116.

¹⁰ Idem. p. 111.

¹¹ Idem. p. 114.

necessitada de troca, se torne uma sociedade doente, sem firmeza para as relações humanas, sem capacidade para amar o outro, para fincar raízes, para se tornar comprometida com aquilo que é duradouro, e que está presente no interior do homem como desejo incontido e latente.

Dessa constatação inicial de como se encontra o homem moderno, respirando ininterruptamente esse ar da cultura líquida, e que tende a liquefazer suas relações e comportamentos, passamos para um outro ponto de nosso caminhar. Iremos agora contrapor tal vivência com outra que diz respeito ao mais profundo do ser da pessoa humana, seu desejo de perfeição, seu desejo de eternidade, não de transitoriedade, e apresentar a via da santidade, o encontro com Deus, como meio para assegurar ao mesmo ser humano imerso na cultura líquida, uma outra cultura, a cultura que traz consigo respostas profundas para as inquietações presentes em seu interior.

3 A CULTURA DA PERFEIÇÃO CRISTÃ COMO CONTRAPOSIÇÃO À CULTURA DO RELATIVO

Já contemplamos em nosso primeiro momento de estudos a situação social moderna em que a pessoa humana está inserida, ou seja, respirando esse ar de relativismo, de inconstância, de instantaneidade, e por isso mesmo de leveza, de velocidade, uma cultura líquida. Sem sombra de dúvidas, o grande prejuízo que toda essa situação traz para a pessoa humana é se ver a mercê de um vazio existencial, de estar perdida e fazer outros se perderem, se ver como parte de toda essa massa mercantil destinada ao lixo e se achar igualmente destinada a esse malogro desenredo.

Em oposição a esse desenlaçamento, vemos em Santo Agostinho uma verdade que nos acalenta e anima:

És grande Senhor e infinitamente digno de ser louvado; grande é o teu poder, e incomensurável tua sabedoria. E o homem, pequena parte de tua criação quer louvar-te, e precisamente o homem que, revestido de sua mortalidade, traz em si o testemunho do pecado e a prova de que resistes aos soberbos. Todavia, o homem, partícula de tua criação, deseja louvar-te. Tu mesmo que incitas ao deleite no teu louvor, porque nos fizestes para ti, e nosso coração está inquieto enquanto não encontrar em ti descanso”¹²

Temos uma destinação, temos um fim, e esse fim não é a lata de lixo, como bem prega a cultura líquida, temos uma vocação sublime, fomos feitos pelas mãos de Deus e temos como escopo Nele estarmos, para Ele nos conduzirmos. Esse conduzir-se para Deus, esse caminho que se apresenta a nós como possibilidade, pode também ser chamado de perfeição ou mesmo de santidade. Estar em Deus é ser santo, e é justamente isso o que o Criador quis e nos atesta através da Sagrada Escritura: “Sede santos, porque eu, o Senhor vosso Deus, sou santo.” (Lv 19,2)

Sobre essa temática, faz lembrar o Concílio Vaticano II, quando diz que “o Senhor Jesus, mestre e modelo divino de toda a perfeição, pregou a todos e a cada um dos seus discípulos, de qualquer condição que fossem, a santidade de vida, de que ele próprio é o autor e consumidor¹³.” Do Pai recebemos o imperativo, e do Filho recebemos igual ensinamento, bem como um modelo a ser seguido, deixando-nos

¹² Santo Agostinho, *Confissões*, p 15

¹³ Vaticano II, *Lumen Gentium*, p. 159

através de seus ensinamentos, vida e ação, quais meios precisamos tomar para que a santidade de vida possa ser alcançada, pois uma vez portadores dessa graça, desfrutaremos daquilo que lhe é próprio, a companhia do Senhor, a presença de Deus.

Recebemos então do Pai e do Filho tal mandato, somos chamados à perfeição, e para que isso fique bem esclarecido, nos ajuda a entender tal realidade Tanquerey quando nos propõe a definição dessa vida de santidade:

A vida sobrenatural, visto ser uma participação da vida de Deus, em virtude dos merecimentos de Jesus Cristo, define-se por vezes: a vida de Deus em nós ou a vida de Jesus em nós. Estas expressões são exatas, se há o cuidado de as explicar bem, de sorte que se evite qualquer resquício de panteísmo. Efetivamente, nós não temos uma vida idêntica à de Deus ou à de Jesus Cristo, senão uma semelhança dessa vida, uma participação finita, se bem que real, dessa vida¹⁴.

Ao nos dar esse imperativo, Deus não quer nos obrigar a sermos algo que nos anula ou mesmo nos incapacita para a felicidade, pelo contrário, santidade aqui não é impedimento de auto realização, pelo contrário, “não tenhais medo da santidade. Não te tirará forças, nem vida nem alegria. Muito pelo contrário, porque chegarás a ser o que o Pai pensou quando te criou e serás fiel ao teu próprio ser”¹⁵, nos diz o Papa Francisco, e ainda sobre esse ser aquilo que o Pai pensou para nós, completa o Romano Pontífice: “a palavra ‘feliz’ ou ‘bem-aventurado’ torna-se sinônimo de ‘santo’, porque expressa que a pessoa fiel a Deus e que vive sua Palavra alcança, no doação de si mesma, a verdadeira felicidade.”¹⁶

Mais uma vez em total oposição à cultura líquida que apresenta à pessoa humana o caminho para o ostracismo sufocante, a santidade que nos pede o Senhor é caminho oposto, como nos atesta Papa Francisco: “cada cristão, quanto mais se santifica, tanto mais fecundo se torna para o mundo”¹⁷, essa referida fecundidade é destinada para todos como nos mostra o Concílio Vaticano II quando nos diz que: “é pois, bem claro que todos os fiéis, seja qual for o seu estado ou classe, são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade: por esta santidade se promove,

¹⁴ Adolphe TANQUEREY, *Compêndio de Teologia Ascética e Mística*, p 81

¹⁵ Papa Francisco, *Gaudete et Exsultate*. p. 25

¹⁶ Idem. p. 45

¹⁷ Idem. p. 25

também na sociedade terrena, um teor de vida mais humano”¹⁸; a santidade promove a vida, vida para si e vida para o outro, o outro não é um peso, não é algo a ser descartado, mas alguém que é alvo do cuidado e do amor, ser santo significa ser mais humano, promover a dignidade da pessoa humana, elevá-la ao mais alto grau, fazê-la desfrutar desse fim, da felicidade perfeita.

Esse caminho de santidade que nos é proposto pelo próprio Senhor, e que traz consigo frutos inigualáveis de bondade e promoção da vida, precisa ser desejado, buscado, escolhido. Embora seja um dom de Deus para nós, é preciso que a pessoa humana queira, busque, almeje tal perfeição, tal santidade. Para nos ajudar a entender isso, deixemos falar Tanquerey:

A razão fundamental, pela qual nos é necessário tender à perfeição, é sem dúvida a que nos dão os Santos Padre. Toda a vida, sendo como é um movimento, é essencialmente progressiva, neste sentido que, quando cessa de crescer, começa a enfraquecer. E a razão disto é que há, em todo o ser vivo, forças de desagregação que, se não são neutralizadas, acabam por produzir a doença e a morte. O mesmo se passa em nossa vida espiritual: ao lado das tendências que nos levam para o bem, há outras, muito ativas, que nos arrastam para o mal; para as combater, o único meio eficaz é aumentar em nós as forças vivas, isto é, o amor de Deus e as virtudes cristãs; então as tendências más vão enfraquecendo. Mas, se deixamos de fazer esforços para avançar, os nossos vícios acordam, retomam forças, atacam-nos com mais viveza e frequência; e se não despertamos do nosso torpor chega o momento em que, de capitulação em capitulação, caímos no pecado mortal.¹⁹

Para a vida de santidade, meios eficazes precisam ser abraçados, e nos alerta Papa Francisco, “mesmo que pareça óbvio, lembremos que a santidade é feita de abertura habitual à transcendência, que se expressa na oração e na adoração.”²⁰ Esses meios eficazes que nos apresenta o Santo Padre, precisam ser desenvolvidos, ou seja, abertura à presença de Deus, ao Transcendente, e nessa abertura, manter uma vida orante e voltada para a contemplação de seu mistério, mediante a adoração. Tais atitudes asseguram no coração do fiel o entrelaçamento de vidas, a vida de Deus na pessoa e a vida da pessoa na graça de Deus.

¹⁸ Ibidem. p. 160

¹⁹ Ibidem. p. 208

²⁰ Ibidem. p. 91

Unido a esse meio eficaz de busca e vivência da santidade, se encontra a direção espiritual. Nos dizeres do Papa Francisco, “santificação é um caminho comunitário, que se deve fazer dois a dois”²¹, ou seja, a santidade não deveria ser vista como uma forma isolada e individualista de se encontrar com a grande graça que é o próprio Deus. O caminho para a santidade, viver essa cultura que se opõe diretamente à cultura do relativo, líquido e fugaz, se faz vivendo a partilha de vida, vivendo o espírito de comunhão e entreajuda, como é próprio dos ensinamentos de Jesus, que em tudo nos ensinou a amar, uma vez que o “amor é o vínculo de toda a perfeição.” (Cl 3,14)

Esse amor, essa vivência comunitária, esse ‘dois a dois’ da busca pela santidade será agora mais detalhadamente evidenciada, ao tratarmos da direção espiritual como lugar belíssimo e privilegiado para esse encontro com a santidade.

²¹ Ibidem. p. 87

4 A DIREÇÃO ESPIRITUAL COMO FERRAMENTA PARA CAMINHAR RUMO À PERFEIÇÃO CRISTÃ

Depois de termos visto a realidade da cultura líquida e em seguida a cultura da perfeição cristã como resposta oposta a essa forma de pensamento e ação modernas, chegamos ao ponto nevrálgico de nosso empreendimento acadêmico, que é expor o significado da Direção Espiritual como instrumento de ajuda eficaz à pessoa humana a não se deixar enveredar por uma cultura que esvazia o sentido da vida reduzindo-a ao mero descartável e ao mesmo tempo aponta para essa mesma pessoa um caminho de excelentes descobertas, dentre eles a posse da graça de Deus, reservada para nós na pessoa de Jesus, Filho de Deus, que enobrece a vida humana destinando-a à perfeição celeste, onde Deus habita e nos espera, tal como nos apresenta Barry quando nos diz que: “A meta das relações trinitárias de Deus com o mundo é nos fazer participantes da natureza divina. Eis o tema recorrente do *admirabile commercium* (troca admirável): Deus tornou-se o que somos, para que possamos nos tornar o que ele é. O que Cristo é por natureza, nós somos pela graça”²², bem como aquilo que nos diz as Sagradas Escrituras:

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com toda sorte de bênçãos espirituais, nos céus, em Cristo. Nele nos escolheu antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele no amor. Ele nos predestinou para sermos filhos adotivos por Jesus Cristo, conforme o beneplácito da sua vontade, para louvor e glória da sua graça com a qual ele nos agraciou no Amado. E é pelo sangue deste que temos a redenção, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça, que ele derramou profusamente sobre nós, infundindo-nos toda a sabedoria e inteligência, dando-nos a conhecer o mistério de sua vontade, conforme decisão prévia que lhe aprouve tomar para levar o tempo à sua plenitude: a de em Cristo encabeçar todas as coisas, as que estão nos céus e as que estão na terra. Nele, predestinados pelo propósito daquele que tudo opera segundo o conselho da sua vontade, fomos feitos sua herança, a fim de servirmos para o seu louvor e glória, nós, os que já antes de vós esperamos em Cristo²³.

Na espera ativa da posse da graça de Deus destinada a nós por meio de Cristo, a Direção espiritual se torna esse meio propício e eficaz de mediação. Já que nos propomos a mostrar a Direção espiritual como esse caminho, convém definirmos conceitualmente o que seja essa prática, e para isso nos permitimos a ajuda de Barry que diz: “em *A prática da direção espiritual*, Connolly e eu definimos a direção espiritual

²² William A. BARRY. *A Direção Espiritual e o encontro com Deus, uma indagação teológica*. p. 64.

²³ Ef 1,3-12

cristã como a ajuda dada por um cristão a outro, ajuda que capacita este outro a prestar atenção à comunicação pessoal de Deus com ele, a responder a esse Deus pessoalmente comunicante, a aumentar a sua intimidade com ele e viver as consequências desse relacionamento”²⁴

Nesse processo de entreajuda, alguns quesitos vão se tornando presentes e são importantes para a compreensão dessa ajuda que deve ser vista como “um ministério dentro da Igreja”²⁵. Um primeiro fator que se apresenta é a capacidade de elucidar com clareza o que vem de Deus daquilo que pode ser oriundo de outras realidade, sejam eles espirituais ou psicológicas. É mister fazer um discernimento esclarecedor das experiências vividas, “precisamente porque o encontro com Deus é multidimensional, os cristãos são sempre advertidos a ser discernentes. O discernimento é necessário não só por causa da possível influência do espírito do mal, mas também por causa da característica multidimensional da experiência humana”²⁶. Na direção espiritual, a verdade sobre Deus vai se evidenciando, e quanto mais as verdades de Deus se tornam presentes e compreensíveis, mais a pessoa poderá dar passos firmes e seguros rumo a concretização da perfeição cristã, tergiversando à coisificação própria da cultura líquida.

Aqui seja-nos permitido fazer um adendo quando falamos da compreensão da experiência com Deus. A Direção Espiritual será vista, em nossas considerações finais, como o lugar em que a pessoa humana se aperfeiçoa, e essa perfeição se dá por meio da posse da graça de Deus. Deus aqui deve ser visto como uma Pessoa que nos permiti viver tal perfeição, sendo assim, Deus não pode ser visto como um ser mal, opressor, carrasco, dominador ou pronto para nos punir diante de nossas faltas. A tarefa da Direção Espiritual também acontece quando, no processo de nos vermos chamados por Deus para participarmos de sua vida e sua vida por si é cheia de ternura, sermos capazes de vencer possíveis imagens de Deus outrora fabricadas, e que não condizem com aquilo que Deus é. Nesse sentido nos diz Barry: “A resistência a um relacionamento mais íntimo com Deus antes da experiência fundamental deriva principalmente das imagens falsas de Deus que as pessoas formam durante seus primeiros anos de vida. Por

²⁴ Ibidem. p. 18.

²⁵ Ibidem. p. 21.

²⁶ Ibidem. p. 48.

isso, nessa etapa, o trabalho do diretor espiritual ou do ministro é ajudar as pessoas a experimentar Deus de um jeito mais benigno”²⁷

Feitas as devidas aproximações dos mistérios de Deus, desmistificado a imagem de um Deus severo, entendendo que a presença de Deus na vida do fiel é cheia de ternura e compaixão, a Direção Espiritual se propõe a dar maiores e mais alargados passos na maturidade humana e espiritual da pessoa que ocorre à essa ajuda. Nos alerta Miranda:

A direção espiritual, como mediação humana de ajuda, será portanto, iluminar, acompanhar, alimentar e, especialmente, respeitar, apoiando o dirigido no processo das suas relações e respostas com Deus, servindo-lhe de luz, energia e catalisador. Em poucas palavras, é ajudar no processo de discernimento espiritual continuado do dirigido. Esse processo de discernimento espiritual continuado não se encaminha certamente para que o dirigido se ‘sinta melhor’, mas para que se realize na essência do seu ser; encaminhe-se para que ‘seja melhor’. Isso é importante. No mais profundo da essência da direção espiritual, está o fato de que ela não se apoia em construções mentais, estratégias ou práticas (que serão relativamente necessárias como instrumentos eventuais e variáveis), mas na atração de Alguém, o Pai, para Alguém, Jesus, pela ação de Alguém, o Espírito Santo. A direção espiritual terá, em seu centro, o perceber e ser fiel a essa presença ativa de Deus na pessoa e a sua evolução. Por isso, a direção espiritual estimula um processo no qual se desenvolve e amadurece uma atitude contemplativa pessoal, que conduz cada um a viver como homem livre, orando e decidindo em livre resposta ao Espírito. Entendemos por atitude contemplativa perceber e viver a dimensão transcendente do ser humano²⁸

Da saudável compreensão de Deus para uma saudável compreensão de si mesmo. Aqui chama nossa atenção esse detalhe apresentado por Miranda, na Direção Espiritual não importa que a pessoa se sinta bem, mas que ela seja uma pessoa boa. Em total oposição à cultura líquida, que apresenta apenas sensações de prazer e contentamento, uma vivência epidérmica da felicidade, a Direção Espiritual é um caminho para que a pessoa adentre no seu interior, e desde dentro, da sua realidade mais íntima e nuclear, possa encontrar com a verdade sobre si mesma, possa descobrir o caminho da perfeição, possa ‘realizar a essência do seu ser’.

Desse ponto fulcral que é a realização da própria essência, e não apenas das sensações, dos apetites e prazeres, a Direção Espiritual é esse caminho a dois, diretor e dirigido, iluminado pela ação carismática do Espírito Santo, na busca da verdade que outrora já mencionamos, daquilo que Agostinho já nos havia apresentado: “Tu mesmo que incitas ao deleite no teu louvor, porque nos fizestes para ti, e nosso coração está

²⁷ Ibidem. p. 81.

²⁸ Tomás Rodrigues MIRANDA. *A Direção Espiritual, pastoral do acompanhamento espiritual*. p. 17.

inquieta enquanto não encontrar em ti descanso”²⁹. O descanso para alma humana, em outras palavras, as respostas que abrandam as inquietantes perguntas sobre a própria existência, sobre o que se é, sobre o porquê da vida, são encontradas satisfatoriamente nesse deleite da alma ao se aproximar do Senhor, em fazer com Ele comunhão, em ter com Ele uma reciprocidade frutuosa de amor, em detrimento da velocidade assaz da cultura do transitório, que impede a pessoa humana de achar respostas duradouras, permanentes, estáveis, perenes sobre as inquietações que todos e cada um trazem dentro de si.

Dessa proximidade salutar com Deus, nesse caminho eficaz da Direção Espiritual, a pessoa vai se auto permitindo desvencilhar-se dos condicionamentos redutores da cultura líquida, vai se tornando consciente da grandeza que é ser filho (a) de Deus e por isso mesmo não destinada ao fugaz e transitório, vai sendo capaz de experimentar o infinito que se abre na realização de suas potencialidades num dinamismo sempre fecundo. Esse processo tão libertador e expansivo pode também ser chamado de processo de transcender, como nos mostra Miranda:

Transcender-se é, portanto, saber se distanciar dos conflitos e tensões; não para deixá-los de lado – o que de fato implicaria reprimi-los no inconsciente – mas para dimensioná-los e enquadrá-los em seus parâmetros reais e em sua verdadeira procedência, o que me deixaria livre: só assim as soluções poderão ser viáveis. Transcender a mim mesmo é me desvincular. É me tornar independente em relação a tudo o que é alheio ao meu centro e o que possa me influenciar nele, e com relação a tudo o que sobreveio ao meu eu quanto a deveres, imperativos morais, sociais, etc., a fim de potencializar toda uma dinâmica de despojamento que me dará liberdade de viver meu sentido em plenitude.³⁰

O ‘sentido’ aqui apresentado retorna a ideia anterior de um projeto belíssimo de Deus que ao nos criar pensou para nós. Não como forma opressora ou acorrentada para não sermos livres, mas como forma realizadora de um projeto excelentemente pensado por Deus ao nos criar. Tal liberdade para vivermos esse sentido de plenitude pensado por Deus e que chamamos de perfeição cristã, de santidade de vida, vai completando todos os anseios que a pessoa humana traz consigo. Se torna uma resposta cheia de conteúdos para questionamentos tão profundos e quase inseparáveis da existência humana.

²⁹ Santo Agostinho, *Confissões*, p 15.

³⁰ *Ibidem*. p. 297.

Certos e convencidos de que a transitoriedade da cultura líquida não traz paz e segurança para as inquietações que trazemos, a Direção Espiritual se apresenta a nós como um caminho de encontro com Aquele que traz tais respostas acalentadoras, proporcionando deleite para a alma, em franca oposição ao desconforto e inquietação advindos da ideia da efemeridade em que nos enredamos por causa da insipiente cultura do descartável.

Vislumbramos no horizonte desse processo de Direção Espiritual aquilo que tanto anelávamos, aquilo que se apresenta a nós como intuito e fito, qual seja, a posse da santidade, a realização interior, o deleite da alma afadigada pelo caminho, o preenchimento satisfatório das mais inquietantes e pedintes anseios, a libertação do provisório e fluido, para a posse do eterno e duradouro, que faz possível na posse de Deus.

5 CONCLUSÃO

Começávamos nosso intento acadêmico entendendo o que era a cultura líquida, bem como os efeitos danosos da mesma, com todos os seus desdobramentos e efeitos, seja na praticidade da vida moderna, tão aturdida pelas inúmeras incumbências acrescidas dia a dia, seja também na vida, no interior do pensamento, nas reflexões que nos propomos sobre o próprio viver e relacionar.

De uma premissa acertada sobre a instabilidade existencial que nos coloca a cultura líquida, passamos para uma segunda premissa, a santidade de vida, a busca de Deus, como resposta favorável às muitas inquietações existentes em nosso interior. Tal resposta não se enquadra no rol das muitas e vazias respostas que diuturnamente nos são apresentadas, mas a resposta que a santidade de vida, que a busca de Deus nos apresenta, se apresenta diante de nós como “equivalente à realização da finalidade última do ser humano: a união com o Criador Santo”.³¹ Nesse encontro com o Criador, todo o deleite é proporcionado para a alma que se vê aflita em meio ao um mundo tão desbaratinado, influenciado diretamente pela ideia quase dogmática que assim como as coisas tem uma duração breve e efêmera, também será assim a beleza da vida humana, com todos os seus encantos e deslumbramentos.

Para que a santidade de vida, o encontro com Deus, a posse desse Bem imorredouro e perdurável, possa de fato ser produzido na vida, nas consciências das pessoas, se apresenta a nós como caminho, como resposta, a Direção Espiritual, que “pode ajudar a abrir o campo de possibilidades de respostas mediante o discernimento e diversas técnicas, e dinâmicas psicológicas, que conduzam a uma maior libertação interior, para que a resposta seja mais ampla. Ao Deus Santo se vai com a resposta livre do homem libertado”³².

Uma vez livre dos diversos condicionamentos oriundos da cultura líquida, que esvazia quase ao nada a pessoa humana do seu sentido e grandeza, a Direção Espiritual lança a pessoa até ao encontro desse Deus que pensou o homem para a perfeição, pensou-o como parte integrante desse honrosíssimo projeto, que tem a ver com a totalidade da criação de Deus. “De Deus viemos e para ele havemos de voltar”³³, nisso está nosso intento.

³¹ Ibidem. p. 38.

³² Ibidem. p. 38.

³³ Cf. 1Cor 8,6

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1984.
- BARRY, William A. *A Direção espiritual e o encontro com Deus: uma indagação teológica*. São Paulo: Loyola, 2005.
- BAUMAN, Zygmund. *Vida Líquida*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- _____, *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2003.
- CATECISMO da Igreja Católica. Petrópolis: Vozes, 1993.
- FRANCISCO. Exortação Apostólica “*Gaudete et exsultate*” do Santo Padre o Papa Francisco sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2018.
- MIRANDA, Tomás Rodríguez Miranda. *A Direção Espiritual: Pastoral do acompanhamento espiritual*, São Paulo: Paulus, 2009.
- MOLINARI, P. *Santo*. In *Dicionário de Espiritualidade*. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1993, p.1030-1041.
- TANQUEREY, Adolphe. *Perfeição da vida cristã*. In *Compêndio de Teologia Ascética e Mística*. São Paulo: Cultor de Livros, 2017.
- VATICANO II. *Lumen Gentium*. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 1997.